

**O PAPEL DO FARMACÊUTICO NO SEGUIMENTO FARMACOTERAPÊUTICO
DO CONTROLE DA DOR ONCOLÓGICA**

**THE PHARMACEUTICAL ROLE IN PHARMACOTHERAPEUTIC MONITORING
OF CANCER PAIN CONTROL**

Maria Nathalya Costa Souza
Irineu Ferreira da Silva Neto
Isadora Ellen Feitoza Ricardino
Annalu Moreira

RESUMO

A dor é um sintoma recorrente em pacientes oncológicos. No entanto, a melhoria da qualidade de vida desses pacientes pode ser adquirida com a utilização de uma proposta farmacoterapêutica adequada e com o acompanhamento do farmacêutico. Objetivou-se apresentar o papel do farmacêutico no seguimento farmacoterapêutico do controle da dor oncológica. Foi realizada uma revisão da literatura nas bases de dados: SciELO, PubMed e CAPES (Portal de Periódicos), utilizando os descritores: Cuidados Paliativos (Palliative Care), Dor do Câncer (Cancer Pain), Serviço Hospitalar de Oncologia (Oncology Service, Hospital) utilizando o operador booleano “AND”. Esta pesquisa abrangeu artigos publicados entre 2016 a junho de 2020 nos idiomas inglês e português. O levantamento literário indicou que os profissionais farmacêuticos são essenciais na garantia da utilização racional e segura dos medicamentos. Esses podem vir a trazer contribuições significativas à equipe hospitalar que cuida de pacientes oncológicos. Concluiu-se que os métodos utilizados para o alcance da qualidade da analgesia devem ser conduzidos pelos profissionais de saúde, de acordo com a intensidade da dor, que é utilizada como parâmetro norteador para a conduta clínica, diminuindo assim a tolerância medicamentosa e prevenindo efeitos colaterais.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados Paliativos. Dor do Câncer. Serviço Hospitalar de Oncologia.

ABSTRACT

Pain is a recurrent symptom in cancer patients. However, improving the quality of life of these patients can be achieved with the use of an appropriate pharmacotherapeutic proposal and with the monitoring of the pharmacist. The objective was to present the role of the pharmacist in the pharmacotherapeutic follow-up of cancer pain control. A literature review was carried out on

the databases: SciELO, PubMed and CAPES (Portal of Periodicals), using the descriptors: Palliative Care, Pain of Cancer (Cancer Pain), Oncology Service, Hospital) using the Boolean operator “AND”. This research covered articles published between 2016 and June 2020 in English and Portuguese. The literary survey indicated that pharmaceutical professionals are essential in ensuring the rational and safe use of medicines. These can come to bring significant contributions to the hospital team that cares for cancer patients. It was concluded that the methods used to achieve the quality of analgesia should be conducted by health professionals, according to the intensity of pain, which is used as a guiding parameter for clinical conduct, thus decreasing drug tolerance and preventing side effects.

KEYWORDS: Palliative Care. Cancer Pain. Oncology Service, Hospital.

1. INTRODUÇÃO

A dor é um dos fatores primordiais que provocam incapacidade e sofrimento aos pacientes diagnosticados com câncer em progressão, mais da metade desses pacientes apresentam algum tipo de dor. É importante destacar que cerca de 50 % apresentam dor crônica em todos os estágios da doença. Essa dor pode ser advinda do tratamento cirúrgico, quimioterápico e radioterápico, mas também pode ser resultado direto do tumor, ou por motivos que não estão relacionados à doença oncológica, como as alterações metabólicas, infecciosas, carenciais e degenerativas (PEREIRA, 2017).

Os cuidados paliativos são muito importantes uma vez que esses auxiliam os indivíduos que possuem doenças avançadas e possivelmente fatais, as denominadas doenças terminais. A assistência paliativa é voltada ao controle dos sintomas, sem a função curativa, com o intuito de preservar a qualidade de vida (QV) até o final. Os cuidados são direcionados a promoção de conforto, esses são voltados para higiene, alimentação e cuidados com ostomias vista as necessidades de diminuir o sofrimento e aumentar o conforto ao paciente (DA ROCHA et al., 2019).

O controle da dor oncológica através dos cuidados paliativos é realizado por uma equipe multidisciplinar, a qual deve seguir o protocolo proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), utilizando fármacos por via oral de acordo com a Escala Analgésica, e a partir da utilização dessa escala os profissionais de saúde são capazes de proporcionar a diminuição da dor em cerca de 90 % dos pacientes. Deixando a utilização de tratamentos intervencionistas como bloqueios nervosos, procedimentos neurolíticos ou cordotomia e aquelas que necessitam

de tratamento contínuo, como a terapia de infusão para as situações especiais (SOUZA et al., 2016).

Com o passar do tempo, o papel do profissional farmacêutico tem evoluído para uma visão holística, que vai muito além da dispensação de medicamentos, tendo como foco agora também o contato direto com o paciente, auxiliando outros profissionais de saúde na elaboração e monitoramento do plano terapêutico (DE MEDEIROS; DE MELO; TORRES, 2019).

A revisão da farmacoterapia através da farmacovigilância dentro do tratamento oncológico é importante, haja vista que os resultados auxiliam na promoção da qualidade de vida desses pacientes, tendo como foco o uso racional de medicamentos e diminuição das interações medicamentosas e possíveis reações adversas que possam vir a surgir (RECH; FRANCELLINO; COLACITE, 2019).

A farmacovigilância pode ser definida pela organização mundial da saúde como a ciência e as atividades associadas à detecção, avaliação, compreensão e prevenção dos efeitos adversos ou qualquer outro problema relacionado a medicamentos com quatro importantes objetivos: o reconhecimento mais precoce possível de novas reações adversas; o refinamento e acréscimo de informação sobre suspeitas de reação adversa ou reação conhecida; a revisão de vantagens de uma terapia sobre outra e a comunicação sobre segurança no uso de medicamentos como melhoria da terapêutica (MELO; CASTRO, 2017).

É válido destacar que muitos fármacos apresentam uma janela terapêutica estreita, isso significa que, se a concentração do medicamento é muito alta ou muito baixa, esse pode vir a causar efeitos colaterais graves ou não proporcionarem os benefícios esperados. Logo é perceptível a necessidade do monitoramento quando esses medicamentos são administrados (PEDRO, 2018).

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo, apresentar o papel do farmacêutico no seguimento farmacoterapêutico do controle da dor oncológica.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, descritiva e qualitativa. As bases de dados utilizadas foram: SciELO (Scientific Electronic Library Online), PubMed (National Library of Medicine) e CAPES (Portal de Periódicos). Utilizou-se os DeCS (Descritores em Ciências da Saúde): Cuidados Paliativos (Palliative Care), Dor do Câncer (Cancer Pain), Serviço Hospitalar de Oncologia (Oncology Service, Hospital) combinados pelo operador booleano “AND”.

Como critérios de inclusão, empregou-se artigos no idioma português ou inglês, com recorte temporal de 2016 a junho de 2020 e disponíveis na íntegra. E como critérios de exclusão foram: estudos que não contemplam o objetivo proposto e os artigos que não se adequavam ao período previamente estipulado. A partir da realização do levantamento, obtiveram-se 4820 (quatro mil oitocentos e vinte) artigos para apreciação, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Estudos encontrados nas bases de dados.

Base de dados	Cuidados paliativos “AND” Dor do câncer	Serviço hospitalar de oncologia “AND” Cuidados paliativos	Oncology service, hospital “AND” palliative care	Palliative care “AND” Cancer Pain
PubMed	3	1	2	0
SciELO	600	300	100	234
CAPES	1200	650	780	1150
Total	1803	951	882	1384

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A partir dos artigos encontrados, realizou-se a leitura dos resumos pelos autores, afim de eliminar possíveis divergências. Dessa forma, foram pré-selecionados 240 artigos para avaliação, dos quais 236 artigos foram eliminados e restaram 4 que contemplam o objetivo central da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constantemente os pacientes oncológicos devem passar por uma avaliação para identificar a presença e intensidade da dor, devido à proximidade dos enfermeiros com os pacientes, atualmente, eles são mais bem indicados. Entretanto, instrumentos de mensuração e monitoramento da dor raramente são utilizados (AGUIAR et al., 2018).

Visto isso, com o intuito de documentar com objetividade e conseguir sucesso no alívio da dor, desenvolveram-se instrumentos capazes de auxiliar a escolha da terapêutica mais adequada para cada necessidade especificamente (RECK et al., 2020).

No ano de 1986 a OMS em conjunto com especialistas elaborou o "Guia para Tratamento da Dor no Câncer". Esse protocolo utiliza preferencialmente a “via oral”, uma administração dos fármacos em horários “predeterminados” e uma sequência de escalonamento de analgésicos conhecida como “Escala analgésica da OMS” (SANTOS et al., 2018).

Escala analgésica da dor

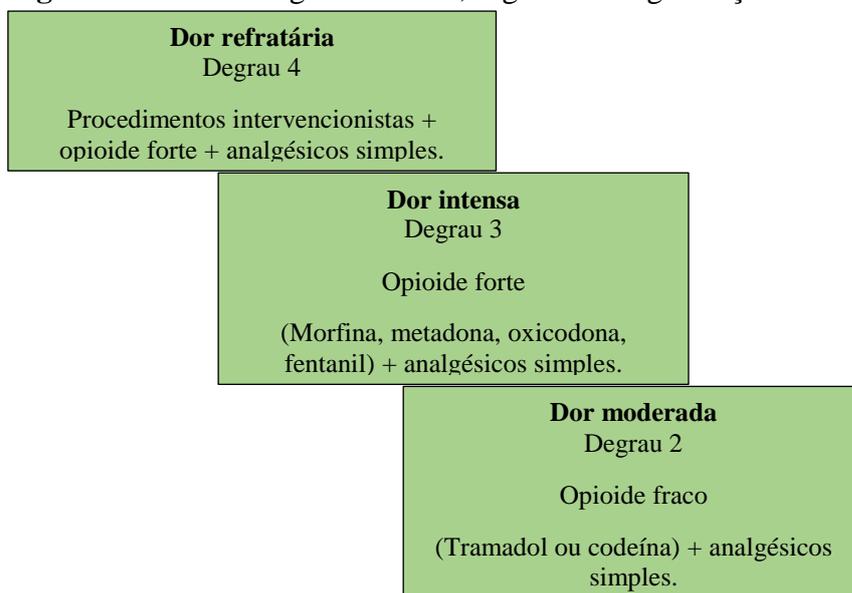
A escala da dor proposta pela OMS propõe a organização e a padronização da farmacoterapia através do tipo de dor relatada pelo paciente. Essa indica a classe medicamentosa a ser selecionada para cada tipo de dor, garantindo flexibilidade ao prescritor e adaptação as necessidades do paciente. A dor deve ser tratada a partir de uma escala crescente de potência medicamentosa relacionada a sua intensidade (COLUZZI et al., 2016).

A presente escala é constituída por quatro degraus progressivos, o primeiro é composto pelos analgésicos não opioides. Esses normalmente são suficientes para controlar a dor leve e podem ser reforçadas pela utilização concomitante de fármacos adjuvantes (DOS SANTOS et al., 2020).

O segundo degrau é solicitado quando há persistência da dor ou insucesso da terapêutica do primeiro, neste caso, são iniciados os opioides de menor potência analgésica, estes poderão ser associados aos não opioides e aos fármacos adjuvantes. Já o terceiro degrau é utilizado quando há persistência dor, onde é vista a necessidade de uso dos opioides de maior potência analgésica, tendo a possibilidade de como os outros utilizar a associação dos não opioides e os fármacos adjuvantes (PINHO; ABREU; NOGUEIRA, 2016).

Cerca de 20 % dos pacientes não apresentam êxito no tratamento farmacológico, assim vê se a necessidade da utilização intervencionista do quarto degrau que inclui, a neuromodulação, tendo como exemplo a estimulação medular, implante de bomba de infusão de fármacos, rizotomia por radiofrequência, estimulação cortical motora e magnética transcraniana (KRAWCZYK et al., 2018). Os dados supracitados podem ser vistos na Figura 1.

Figura 1: Escala analgésica da dor, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).



*Em conjunto com esses analgésicos, podem ser associados fármacos adjuvantes como os antidepressivos, anticonvulsivantes, entre outros.

Dor leve
Degrau 1

Analgésicos simples

(Dipirona, paracetamol ou anti-inflamatórios não esteroides).

Fonte: (DE OLIVEIRA et al., 2019 p.7).

3.2 Acompanhamento farmacoterapêutico no controle da dor

Alguns autores já puderam avaliar a importância do profissional farmacêutico no tratamento da dor oncológica, como pode ser visualizado no Quadro 1, onde apresentam-se os estudos de maior relevância encontrados na literatura, apresentando o objetivo das pesquisas e seus respectivos resultados.

Quadro 1 Caracterização dos estudos selecionados.

Autor/ano	Objetivo	Principais resultados
AGUIAR et al., 2018	Demonstrar o impacto econômico da avaliação farmacêutica na detecção e na prevenção de erros em prescrições de antineoplásicos.	Ações simples de serem implantadas, como análise de prescrições, são capazes de identificar e prevenir problemas relacionados a medicamentos, evitar perdas financeiras e agregar imensurável valor na segurança do paciente.
SILVA; OSORIO-DE- CASTRO, 2019	Analisar a organização e as práticas da assistência farmacêutica em oncologia em cinco municípios brasileiros por meio de um estudo de casos múltiplos, tendo o câncer de mama como condição marcadora.	A baixa articulação das ações de assistência farmacêutica realizadas entre os níveis de atenção à saúde, problemas estruturais nos serviços, insuficiência de financiamento, atrasos nos processos de avaliação e incorporação de tecnologias, e falhas nos processos de trabalho são fatores que interferem diretamente na conduta clínica no tratamento da dor oncológica. Os aspectos destacados contribuem para a precariedade do funcionamento do sistema e expõe a necessidade de se estudar cada vez mais os fatores inerente a esses processos.
DOS SANTOS et al., 2020	Relatar a experiência dos residentes na atuação farmacêutica para realização das atividades clínicas no cuidado dos pacientes oncológicos em uma UTI.	O acompanhamento farmacoterapêutico em UTI oncológica contribui para a racionalização da terapia farmacológica e auxilia no cumprimento do plano terapêutico.
RECH; FRANCELLINO;	Retratar a importância da orientação farmacêutica no	A dor oncológica pode se tornar grave e incapacitante, trazendo impactos negativos sobre o bem-estar do paciente.

COLACITE, 2019	uso de opioides em pacientes oncológicos.	Nesse sentido, o profissional farmacêutico tem competência e conhecimento para assegurar o sucesso do tratamento farmacológico, contribuindo de forma positiva na melhora da qualidade de vida do paciente
-------------------	--	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A atenção farmacêutica aos pacientes com dor oncológica pode vir a melhorar o tratamento desses e diminuir os problemas relacionados a medicação (SILVA; OSORIO-DE-CASTRO, 2019).

O êxito desse tratamento advém do monitoramento que permite individualizar o acompanhamento, com intuito de conseguir alcançar a qualidade de analgesia e reduzir a ocorrência de efeitos colaterais. Para isso, o profissional farmacêutico é integrante essencial da equipe multiprofissional em saúde, esse deve ter como principal foco o paciente, sendo responsável pela detecção e elucidação de problemas relacionados com a farmacoterapia (KAZMIRCZAK, 2016).

Portanto, cabe ao profissional farmacêutico um papel importante de cuidado ao paciente, direcionando o mesmo frente a utilização de medicamentos prescritos e não prescritos, e elaborando estratégias para que não ocorra interações medicamentosas, haja vista a utilização recorrente de mais de um medicamento durante o período de tratamento oncológico (DA SILVA et al., 2018).

CONCLUSÃO

O presente estudo pode evidenciar que as estratégias utilizadas para diminuição dos índices de dor oncológica e alcance da qualidade da analgesia, devem ser direcionadas de acordo com a intensidade da dor, como relatado na literatura científica, sendo parâmetro norteador para a conduta clínica, evitando interações medicamentosas.

Os profissionais farmacêuticos são essenciais na garantia da utilização racional e segura dos medicamentos. Esses podem vir a trazer contribuições significativas à equipe hospitalar que cuida de pacientes oncológicos. Atuando na identificação dos fatores de risco para o agravamento da doença, além de auxiliarem no planejamento de medidas de intervenção e prevenção, tendo em vista que as reações adversas a medicamentos são algumas das principais causas de internação e provocam conseqüentemente o aumento da dor oncológica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Karina da Silva et al. Segurança do paciente e o valor da intervenção farmacêutica em um hospital oncológico. **Einstein** (São Paulo), v. 16, n. 1, 2018.

COLUZZI, Flaminia et al. Orientação para boa prática clínica para opioides no tratamento da dor: os três "Ts"-titulação (teste), ajustes (individualização), transição (redução gradual). **Revista Brasileira de Anestesiologia**, v. 66, n. 3, p. 310-317, 2016.

DA ROCHA, Bruno Correia et al. O papel do farmacêutico em oncologia. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. Esp. 1, p. 15-15, 2019.

DA SILVA, Lívia Christina Almeida et al. Contribuições da atenção farmacêutica a pacientes em tratamento oncológico. **Revista de Investigação Biomédica**, v. 9, n. 2, p. 210-217, 2018.

DE MEDEIROS, Jacqueline Aragão; DE MELO, Aline Patrícia Fonseca Macêdo; TORRES, Vivian Mariano. Atuação do farmacêutico clínico hospitalar em pacientes oncológicos frente ao avanço na legislação brasileira. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 56-65, 2019.

DE OLIVEIRA, Glaucia Jose et al. Acompanhamento farmacêutico no controle da dor em pacientes oncológicos. **Semioses**, v. 13, n. 2, p. 145-157, 2019.

DOS SANTOS, Juliana Pereira et al. Cuidado farmacêutico em UTI oncológica/Pharmaceutical care in oncology UTI. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 5697-5704, 2020.

KAZMIRCZAK, Adria. **Contribuições da assistência farmacêutica para o paciente oncológico**. 22 f. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia). Universidade Regional do Noroeste do estado do Sio Grande do Sul, Ijuí, 2016.

KRAWCZYK, Noa et al. Rising trends of prescription opioid sales in contemporary Brazil, 2009–2015. **American journal of public health**, v. 108, n. 5, p. 666-668, 2018.

MELO, Daniela Oliveira de; CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de. A contribuição do farmacêutico para a promoção do acesso e uso racional de medicamentos essenciais no SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 235-244, 2017.

PEDRO, José Miguel Quaresma Henriques. **Cuidados Farmacêuticos no Tratamento do Doente Oncológico**. 60 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Farmacêuticas). Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

PEREIRA, Andréia Vieira Lopes. **Assistência farmacêutica para o paciente oncológico**. 28 f. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2017.

PINHO, Marcelle Signé; ABREU, Paula Alvarez; NOGUEIRA, Thaisa Amorim. Atenção farmacêutica a pacientes oncológicos: Uma revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, v. 7, n. 1, 2016.

RECH, Adriana Beatriz Kovalski; FRANCELLINO, Márcia Andréa Marques; COLACITE, Jean. Atuação do farmacêutico na oncologia: Uma revisão de literatura. **Revista UNINGÁ**, v. 56, n. 4, p. 44-55, 2019.

RECK, Mircéia Stacke Maziero et al. A importância da orientação farmacêutica no manejo da dor oncológica com uso de opióides: Relato de experiência. **I Simpósio Sul Brasileiro de Oncologia Clínica e Cirúrgica**, v. 1, n. 1, 2020.

SANTOS, Sandna Larissa Freitas dos et al. Evidências do cuidado farmacêutico na prática clínica da oncologia. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 20, n. 2, p. 77-81, 2018.

SILVA, Mario Jorge Sobreira da; OSORIO-DE-CASTRO, Claudia Garcia Serpa. Organização e práticas da assistência farmacêutica em oncologia no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180297, 2019.

SOUZA, Maia et al. Atuação do farmacêutico hospitalar na oncologia. **Boletim Informativo Geum**, v. 7, n. 1, p. 54, 2016.